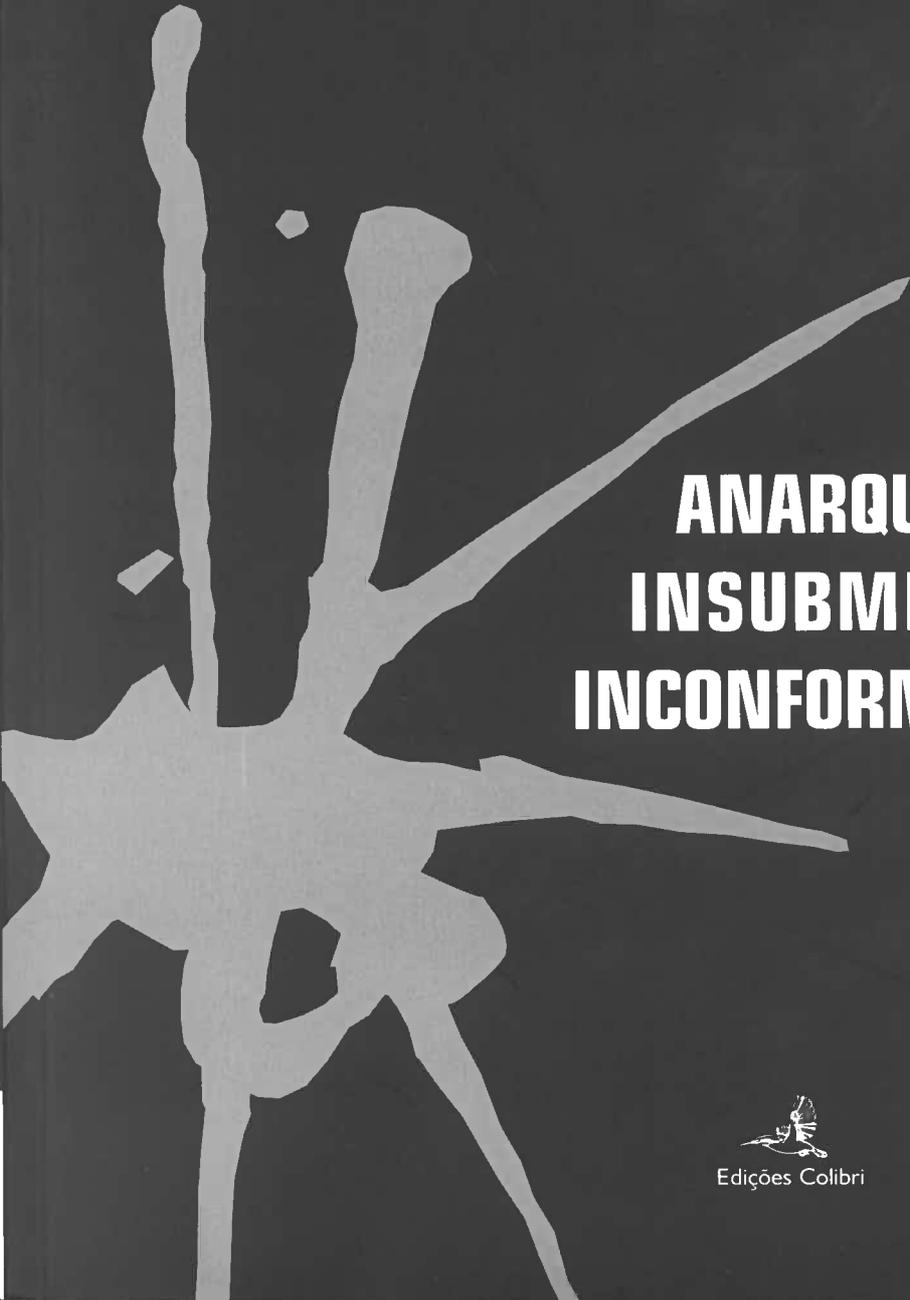


nova

Síntese



**ANARQUISMO,
INSUBMISSÃO,
INCONFORMISMO**


Edições Colibri


MUSEU
DO
NEO-REALISMO
Associação Promotora

ANARQUISMO, INSUBMISSÃO, INCONFORMISMO

Coordenação

Ricardo António Alves
e António Mota Redol



Edições Colibri

Título: Anarquismo, Insubmissão, Inconformismo

Responsável: António Mota Redol
Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo
R. Alves Redol, 45 2600-099 Vila Franca de Xira

Coordenação: Ricardo António Alves e António Mota Redol

Capa: Catarina Redol

Edição: Edições Colibri/ Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo

Impressão: Colibri Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-989-566-200-5

Depósito legal n.º 500 888/22

Preço – 15,00 €

Lisboa, Abril de 2022

Nota 1. Este deveria ser o n.º 19 da revista *Nova Síntese*, a qual deixou de se publicar por decisão da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, na sequência de dificuldades levantadas pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Nota 2: Embora os Cadernos *Nova Síntese* tenham optado por continuar a respeitar o Acordo Ortográfico de 1945 e suas actualizações, os textos publicados mantêm a ortografia adoptada pelos autores dos artigos.

Apresent
Ricardo

Raul Bra
Vítor Po

Raul Bra
– aproxir
Ricardo

Campos l
António

Manuel F
Gabriel

Um anar
política r
Thiago

Três uto
Miguel

Anarquis
Ricardo

António
nos anos
Paulo E

Pão Ince
José Ma

José Maria Ferreira de Castro, o Cidadão do Mundo sempre fiel a si mesmo Bernard Emery	217
Jorge Teixeira. Um caso literário de Realismo Social antes do Neo-Realismo António Moreira	235
Mário Domingues, o Pan-Africanismo e <i>A Batalha</i> Richard Cleminson	259
José Régio: Originalidade, irreverência e independência. Imagens do artista quando jovem Manuel José Matos Nunes	271
João Pedro de Andrade: O mundo para além da loja escura Joana Marques de Almeida	283
Outros horizontes de Roberto Nobre: O seu trabalho gráfico e artístico Luísa Duarte Santos	289
Roberto Nobre e Walter Benjamin, o horizonte do cinema e a obra de arte Gunter Karl Pressler	313
Alves Redol e os anarquistas e anarco-sindicalistas António Mota Redol	327
Socialistas e libertários na década de 1930: Mito e criação cultural. Notas de leitura a propósito da revista <i>Pensamento</i> (1930-1940) Paulo E. Guimarães	351

A
quist
ment
traze
de?,
do de
a que
de é
jusna
(1798
(1845
rios,
do Co
anarq
gos d
cipal
Traba
de au
Castro
queno
ressac
queira
portug
A i
rações
melho
que fo
vancá-
cultura
particu
até à p
design
lato, a
Sobre
necess
sado d

SOCIALISTAS E LIBERTÁRIOS NA DÉCADA DE 1930: MITO E CRIAÇÃO CULTURAL. NOTAS DE LEITURA A PROPÓSITO DA REVISTA *PENSAMENTO* (1930-1940)

Paulo E. Guimarães*

É sabido que os socialistas, organizados em partido político, mantiveram-se como corrente influente dentro da organização sindicalista durante a I República¹. Apesar da competição interna, os socialistas integraram a União Operária Nacional e mantiveram-se criticamente dentro da Confederação Geral do Trabalho até aos anos Trinta do século passado (Vieira, 1974; Guimarães, 2007; Guimarães e Freire, 2010). É historicamente significativo que o cisionismo sindical e a concorrência ideológica mais aguda ocorra durante o período de implantação do novo regime fascista, em ambiente de perseguição policial, ilegalização das assembleias e proibição da liberdade de expressão, ficando fraccionado entre os sindicatos operários afectos à Confederação Geral do Trabalho (CGT), à Comissão Intersindical Comunista (CIS), à Federação Socialista das Associações de Trabalhadores (FAO) e a outras federações e associações sindicais “autónomas” (Patriarca, 1995, 2000; Guimarães, 2007). Menos conhecida é essa competição no campo cultural e ideológico, bem como a sua “evolução” ao longo da “longa noite”. Desse ponto de vista é interessante analisar a evolução de algumas revistas com uma matriz cultural que conseguiram ainda circular até aos anos '40 (Andrade, 2007).

A revista socialista *Pensamento*, publicada no Porto durante a década de 1930, revela significativas convergências com a cultura libertária, para além de evidentes diferenças críticas, que ilustram parte do debate intelectual en-

* Historiador. Centro de Investigação em Ciência Política. Universidade de Évora.

¹ Este texto inédito, agora revisto, reproduz, no essencial, parte da comunicação apresentada no seminário intitulado “Um Pensamento socialista e libertário” que decorreu na Casa-Museu Abel Salazar, São Mamede de Infesta, nos dias 14 e 15 de Setembro de 2001. Agradeço a António Mota Redol, Ricardo António Alves e José Manuel Lopes Cordeiro a leitura atenta a esta versão.

tre as duas correntes no período que ficou marcado pela vitória das ditaduras messiânicas, pela violência e terrorismo de Estado por toda a Europa. Neste contexto, o anti-autoritarismo, a importância atribuída à educação e aos novos métodos pedagógicos para mudar mentalidades colectivas, a defesa do feminismo, a promoção do esperanto como língua universal, o naturismo, a defesa dos direitos dos animais, o campismo (prática que exprime o desejo de estabelecer uma relação diferente com a natureza) ou até um certo anti-militarismo constituem temas presentes onde, sob a figura tutelar de Antero de Quental, se pode perceber um universo cultural subjacente próximo dos libertários. O *Pensamento* oferece-nos a visão dos socialistas nesse período adverso, apesar das dificuldades de expressão impostas pela Censura e pela repressão policial, permitindo-nos identificar os limites daquela convergência. Neste contexto político e cultural, foi crescente a influência do Marxismo-leninismo a par da projecção da cultura e valores libertários que se iriam afirmar em Espanha nessa década.

A revista *Pensamento* estava sedeada no edifício da Cooperativa do Povo Portuense, na rua Camões, 578-2.º, e era impressa na sua secção tipográfica, no número 570. Apresentava-se como o órgão do Instituto de Cultura Socialista, com periodicidade mensal. Assumindo uma “feição acentuadamente” ideológica, propunha-se «[...] chamar ao Socialismo os elementos intelectuais dispersos, sem bússola que os gui(ass)e na sua acção»². Teve como editor António Fernandes e como directores Ilídio Santos Pinto e J. Fernandes Alves (pseudónimo Navi, 1866-1931), jornalista operário³. Contou como colaboradores professores, jornalistas, militantes, simpatizantes socialistas e alguns anarquistas. Entre os socialistas destacamos Jaime Ferreira Dias⁴ (1903-1932),

² “Apresentação”, *Pensamento* 1, Ano I (Porto, Abr. 1930).

³ A partir de Janeiro de 1933 (34, Ano II), passou a ter uma comissão directiva composta por Agostinho Fortes e Amâncio de Alpoim.

⁴ Jaime Ferreira Dias nasceu na Sobreda, Charneca de Caparica, a 26 de Maio 1903 e faleceu em Lisboa, no Hospital de Santa Marta, a 14 Novembro 1932, com a idade de 29 anos. Filho de um operário corticeiro na fábrica da Henry Bucknall & Sons, no Caramujo, aí começou a trabalhar ainda muito jovem, tal como sucedia aos filhos de muitos outros corticeiros. Com 13 anos, perde o braço direito num acidente de trabalho e um engenheiro-gerente decide pagar-lhe os estudos. Tornou-se depois empregado de escritório na mesma fábrica. Foi notável a sua actividade cultural e associativa em Almada. Foi sócio e dirigente da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, da Cooperativa Piedense e um dos fundadores da Associação de Classe dos Empregados no Comércio e Indústria de Almada (1931). Foi igualmente sócio honorário do União Piedade Futebol Clube e do Clube Columbófilo “Os Voadores”. Por volta de 1929 adere ao Partido Socialista, provavelmente depois de ter passado pelo Sindicalismo Revolucionário. Foi um activo escritor social, escrevendo folhetins, ensaios, contos, poesia, peças de teatro críticos dos valores dominantes e da vida social, marcando presença em jornais operários e socialistas como *O Trabalho* (Setúbal), *República*

dir
Inc
pro
do
ass
fun
his
(19
des
Tar
no
nist
resi
(18
Cor
Bor
gog
Fab
.
cial
figu
vári
-190
tário
borc
e so
sobr
Pink

Soc
O C
alte
-23
⁵ Vej
Me
s.l.,
⁶ Rol
Ciê
Sor
Esp
Liv
Frac
⁷ Juli
revi

director d' *A Ideia Nova*, Emanuel Ribeiro (1884-1950), director da Escola Industrial Faria Guimarães (Porto), Armando Fernandes, engenheiro e professor na mesma escola, Jaime Cime, também professor na Escola Normal do Porto, Manuel José da Silva (1892-1932), primeiro deputado socialista com assento no parlamento republicano, Ladislau Batalha (1856-1939), um dos fundadores do Partido Socialista, César Nogueira, secretário desse Partido e seu historiador, o escritor algarvio Pinto Castalar, Luís Hernâni Dias Amado (1901-1981), assistente de Histologia na Faculdade de Medicina, em Lisboa, desde 1927, *maçon* e colaborador da Universidade Popular, Raul António Tamagnini Barbosa (1878-1939), docente no Instituto Superior de Comércio no Porto e antigo deputado socialista, o cooperativista Artur Ramos, as feministas Angélica Viana Porto (1881-1938), Adelaide Cabete (1867-1935), a residir em Luanda nessa altura, Elina Guimarães (1904-1991), Maria O'Neill (1873-1932), a residir no Brasil, Angélica Porto (1881-1938), Maria Clara Correia Alves (1869-1948), Julieta Ferrão (1899-1974), directora do Museu Bordalo Pinheiro. O recurso a textos de autores do país vizinho como o pedagogo socialista Rodolfo Llopis Ferrándiz (1895-1983) ou o catalão Antoni Fabra i Ribas (1879-1958) foi frequente.

A participação de anarquistas, que se auto-designavam também como “socialistas libertários”, foi acidental mas relevante⁵. Entre estes destacam-se as figuras de jornalistas como Roberto das Neves (1907-1981), que colabora em vários números escrevendo sobre Esperantismo⁶, Julião Quintinha (1886-1968) que ali escreve sobre Eça de Queiroz⁷ e o cientista e professor universitário Abel Salazar, com uma sensibilidade próxima dos libertários, que colaborou regularmente a partir do número 73, escrevendo criticamente sobre arte e sobre “problemas filosóficos” contemporâneos. Outros escreveram também sobre os acontecimentos do momento para marcar a sua posição ética. Ilídio Pinho, por exemplo, escreve em Julho de 1934 contra a exibição de mulheres

Social, Protesto (1927, 1928, Lisboa), *Eco Telégrafo-postal*, *El Socialista* (Madrid), *O Construtor Civil*, locais como *O Almadense* ou *A Voz de Almada* (1927, Almada), ou alternativos como *O Vegetariano* (Porto), entre outros. Veja-se Correia, 1978, pp. 225-234 e Flores, 1990, pp. 70, 89-90, 98-99, 156 e 172.

⁵ Veja-se a este respeito a obra “clássica” de formação doutrinária de Manuel Silva Mendes (1876-1931), *Socialismo Libertário Ou Anarchismo: História e Doutrina*, s.l., 1896 (Mendes, 2006).

⁶ Roberto das Neves foi um militante anarquista português individualista. Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra, frequentou também a Sorbonne de Paris e exilou-se definitivamente no Brasil em meados dos anos 40. Esperantista, naturista e *maçon*, publicou e editou diversos livros, nomeadamente pela Livraria Editora Germinal, do Rio de Janeiro. Vejam-se as notas biográficas de José Francisco, 1982 e de José Ferreira, 2014.

⁷ Julião Quintinha foi jornalista e militante anarco-sindicalista. Colaborou na II Série da revista *Alma Nova* (1915-1918), *Renovação* (1925-1926) e *Contemporânea* (1915-1926).